

Um pioneiro da videoarte

Foto: Antoninho Perri

LUIZ SUGIMOTO
sugimoto@unicamp.br

O crítico de arte Agnaldo Farias, que traz na bagagem experiências como a curadoria nacional da 25ª Bienal Internacional de São Paulo e do Museu de Arte Contemporânea do Rio Janeiro, selecionou trabalhos de dez artistas plásticos contemporâneos que atuam em Campinas para a exposição *Afinidades Eletivas*, aberta de 21 de setembro a 25 de novembro na sede da Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL). Nove artistas pertencem a uma nova geração de talentos e cinco deles são ex-alunos do Instituto de Artes (IA) da Unicamp; o outro expositor é Marco do Valle, professor do IA, do curso de arquitetura e do programa de pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp. *Afinidades Eletivas* é um título que resume a proposta do projeto: se Farias escolheu os artistas expositores, cada um deles escolheu um nome de projeção nacional que guarda como referência e inspiração.

Entre os homenageados estão Daniel Acosta, Osvaldo Goeldi, Edouard Frapoint, e não-artistas como Clarice Lispector e Gil Vicente. O professor Marco do Valle, que a pretexto da exposição foi convidado a falar sobre sua trajetória artística e acadêmica, homenageia o poeta, artista gráfico e videomaker Walter Silveira. “Somos parceiros desde que montamos um ateliê (o único que eu tive) na garagem do pai dele em São Paulo. A primeira exposição de nossas vidas se chamava *Poéticas Visuais*, de 1977, fruto da influência dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, poetas concretistas, e de artistas como John Cage, Grupo Fluxus e Joseph Beuys”, conta.

Marco do Valle e Walter Silveira foram pioneiros da video-arte no Brasil. *A Performance da Santa*, instalação de 1979, mostrava Nossa Senhora Aparecida dançando um bolero. Valle explica que a inspiração veio de um souvenir de plástico bastante popular de Aparecida do Norte, que era a imagem da santa dentro de um televisor com pés tipo “palito”. “Para a mostra, trabalhei imagem por imagem da santa, dando a idéia do movimento, e exibi um vídeo com a padroeira performática em um televisor da marca Colorado”, recorda o professor. Em seguida, quando a imagem foi despedaçada por um espectador revoltado e precisou ser restaurada, Walter Silveira lançou “A Virgem Reconstituída”. “Não havia desrespeito. Queríamos pensar a questão da arte popular ligada a mídia. Já paguei promessa em Aparecida e sou devoto da Imaculada Conceição”, assegura.

A primeira exposição individual de Marco do Valle em Campinas aconteceu em 1979 e se chamou *Três pontos não colineares determinam um plano (Euclides)* – um conjunto de esculturas feito de canos de PVC colocados sobre o plano. Outra individual em 1984, *Vórtice*, era uma referência a *The Tub* (1886), a mulher na bacia de Edgar Degas. Em 1985, veio sua primeira Bienal Internacional de São Paulo, relendo *A Portadora de Perfume*, de Victor Brecheret. “Na escultura que está na Pinacoteca do Estado, uma mulher carrega o vaso de perfume que vai ungir o corpo de Cristo. No meu trabalho, construí um vaso semelhante, com designer Arte Deco, a certa distância da escultura. Na instalação, com um tubo de latão e um vaporizador, espalho perfume na frente da escultura”, explica.

O artista destaca também sua participação na *Sky Art Conference*, em 1986, primeira comunicação via satélite de artistas brasileiros com colegas CVS-MIT (Boston e Toronto). Em 1987, Valle construiu a estrutura metálica que fica na praça central da Unicamp, que denominou *Eixo paralelo ao eixo de rotação da terra*. “É uma escultura que aponta para o centro de rotação das estrelas no céu”, esclarece. Como artista convidado da Bienal



Marco do Valle, que expõe com jovens talentos na CPFL: falando de sua trajetória, de Niemeyer e do sonho de um prefeito

Afinidades Eletivas

O professor Marco do Valle apresenta na exposição *Afinidades Eletivas*, na CPFL, a vídeo-instalação *Scanner/Memory*. Nela será apresentada a imagem de uma mulher nua, como um scanner que passa sobre o corpo projetado na pedra de mármore. Já o trabalho de seu

homenageado, Walter Silveira, é uma recíproca, a tractana eletrônica intitulada *Nervos de Aço para Marco do Valle*.

Os jovens talentos escolhidos pelo curador Agnaldo Farias, ex-alunos da Unicamp, são Marcelo Moscheta, Fábio de Bittencourt, José Roberto

Shwafaty, Pedro Hurpia e Vânia Mignone. Também participam da exposição os artistas Del Pilar Sallum, Ana Almeida, Luana Veiga e Cecília Stelini. A mostra fica aberta das 8h às 21h nos dias úteis, e das 10h às 22h nos finais de semana e feriados. A entrada é gratuita.

de 1989, Marco do Valle foi um dos quatro brasileiros que mereceram elogios do *New York Times*, com *Topografias Artificiais* – simuladas com chapas de aço onduladas formando um plano e construções de lençol de borracha. “O trabalho também fazia uma referência a Willys de Castro e Lygia Clark, era um pós-concreto-neoconcreto brasileiro”, define.

Sobre a produção mais recente, Marco do Valle cita *Melancolia 3* (1995), projeto baseado na obra de Albrecht Dürer, e *Zellig/Hiroshima* (1997), lembrando os 50 anos do lançamento da bomba atômica. “É um vídeo em que apareço sendo maquiado, misturando-se essa imagem com o filme original da soltura da bomba. Tive a colaboração dos professores Hélio Sólha e Carlos Fernandes. Ainda pretendo enviar esse trabalho para o museu de Hiroshima”, adianta. O artista menciona, ainda, *A Gaiola de Faraday* (1997), a respeito do cientista que descobriu que a tela impede a passagem de ondas eletromagnéticas. “A idéia foi criar isolamentos mentais impedindo a propagação de ondas. A vídeo-instalação tinha um televisor dentro da gaiola, transmitindo imagens de operações de laparoscopia (uma colaboração do professor Paulo Palma), e o outro

aparelho do lado de fora, mostrando cenas de filmes eróticos”, descreve.

Bordadeira – Foi a mãe Antonia Lopes, bordadeira de alto nível, que bordava inclusive para o costureiro Clodovil, quem iniciou Marco do Valle na arte. “Ela me ensinou a desenhar e quis que eu aprendesse pintura. Meu primeiro quadro foi a reprodução de uma imagem da Praça dos Três Poderes em Brasília, com a escultura *Os Candangos*, de Bruno Giorgi. Depois de adulto, veria que minha história está um pouco resumida naquele quadro”, revela. O artista conta que até então sua vida era confortável – o pai tinha uma oficina e revenda de tratores –, mas a família passaria por dificuldades financeiras no início dos anos 70. Foi graças ao talento cultivado pela mãe que ele conseguiu empregos como desenhista mecânico e depois num escritório de arquitetura. “O estudo era uma preocupação distante”, recorda.

No entanto, uma visita ao Masp, quando viu exposições de José Resende e Rubens Gerchman, influiria decisivamente no destino de Marco do Valle. “Acabei conhecendo artistas como o próprio José Resende, Bavarelli, Carlos Fajardo e Wesley Duke Lee, meu avô artístico. Passava

noites vendo Bavarelli pintar em seu ateliê e ele me aconselhou a fugir dos exercícios da escola de artes e optar pela arquitetura. Prestei vestibulares para arquitetura não com pretensão de elaborar projetos, mas porque queria viver como eles, dando aulas para sobreviver e com tempo para a arte”, afirma.

Como José Resende era professor da PUC de Campinas, Valle optou por vir para esta cidade, onde construiria também uma trajetória acadêmica. “Fiz três anos de história também e concluí o curso de arquitetura. Tinha perdido meu emprego como estagiário numa distribuidora de gasolina (ajudei a fazer projetos de vários postos da cidade), quando, em 1983, fui convidado pelo professor Bernardo Caro a participar da fundação do Instituto de Artes da Unicamp”, relembra.

Niemeyer – Mesmo sendo orientador de doutorados, Marco do Valle possui apenas o mestrado em artes, por uma decisão de foro íntimo. “No Brasil, o docente só sobe na carreira somando títulos. Mas a tradição das artes diz que podemos chegar no máximo a mestre. Michelangelo era um mestre”, observa. Daí, sua opção pelo doutorado em arquitetura,

quando decidiu entender porque Oscar Niemeyer, que faz um projeto como o da Pampulha, em seguida projetaria a arquitetura de Brasília. “Apesar do discurso de que Niemeyer sempre cria novas formas, a hipótese de minha tese é de que ele redesenhava as formas, trabalhando em cima de um repertório iniciado por Le Corbusier e por ele mesmo”, afirma.

A afinidade com as obras de Oscar Niemeyer fez com que Marco do Valle conseguisse certa proximidade com o arquiteto. O que levou outro arquiteto, Antonio da Costa Santos, a convidar o professor da Unicamp para assessorá-lo na Prefeitura de Campinas. O artista é responsável, por exemplo, pelo restauro do Palácio dos Azulejos, mas a principal missão delegada pelo prefeito foi a de convencer Niemeyer a projetar um novo teatro para a cidade. Costa Santos foi assassinado em 10 de setembro de 2001.

Valle guarda todos os detalhes da conversa com Niemeyer. O arquiteto chegou a fazer um desenho do teatro (publicado em seu último livro), mas em local diferente daquele pretendido pelo prefeito, pois a medida do terreno não permitia o distanciamento para que se observasse a forma externa da obra. “Depois da morte do prefeito, Niemeyer chegou a estabelecer em contrato o preço de R\$ 700 mil pelo projeto, mais para testar a disposição dos sucessores em executar a obra. Nada aconteceu”, acusa. Há uma passagem que Marco do Valle nunca esquecerá: “Eu e Toninho passamos a manhã daquela segunda-feira conversando sobre o teatro, pois Niemeyer viria na quarta-feira a Campinas. O prefeito estava feliz e certo de que convenceria o arquiteto quanto ao local. Morreu naquela noite”.